

## O ÚLTIMO MOINHO DA SERRA DO LOURO

### CAPÍTULO V



**32 e 33** O moinho da Forca, o terceiro a contar de Palmela, com o mastro, as varas e as velas enroladas e amarradas às varas.  
Fotos: Cecília Matos, maio 2019.

A propósito do moinho de água da Cabanas e do incêndio que no dia 13 de julho 2022 rondou Palmela e deixou metade da serra do Louro e vale dos Barris em cinzas, deixo nestas páginas a recordação do que foi o último moinho que ainda funcionava com a força do vento e com a estrutura original, embora já tivesse um pequeno motor adaptado. Há registos que mostram que este moinho, o moinho da Forca, já existia em 1816<sup>120</sup>, tinha portanto mais de 200 anos. O morro onde está implantado chama-se Monte da forca e pode ter sido local de castigos públicos na época medieval, mas isso é outra história. O que interessa na história deste moinho é que os seus proprietários e arrendatários sempre se preocuparam em manter todo o engenho original. Mesmo quando substituíam as peças danificadas, faziam-no “à moda antiga”.

Apenas acrescentaram um pequeno motor que substituí a força do vento e facilitava a vida a quem o punha a trabalhar. É que este moinho fazia e faz parte de um projeto pedagógico, por ser uma verdadeira peça de museu.

É verdade que não é a primeira vez que arde um moinho, mas são cada vez mais raros os moleiros vivos que ainda podem ensinar a recuperar uma estrutura tão complexa como esta. Logo após o incêndio, Pedro Lima, o dinamizador do moinho e o proprietário, meteram mão à obra, e com ajuda de um dos últimos moleiros ainda, planeiam a

recuperação do moinho.

Em maio de 2019 tive a oportunidade e o prazer de aprender com o Pedro Lima a trabalhar com o moinho, apenas na parte da moagem e, durante um dia fui “moleira”, explicando aos visitantes os rudimentos do seu funcionamento.

Começando com um pouco de teoria, já desde a época romana que os engenheiros, ou melhor, os engenhocas sabiam como transformar o movimento vertical em movimento horizontal com a chamada desmultiplicação.

Simplificando, o mastro (o pau comprido que segura as velas) entra no capelo (telhado) e está encaixado numa entrosga (uma roda dentada). Ao rodar todo este conjunto num movimento vertical, os dentes da roda dentada encaixam num carrete (um cilindro feito de paus verticais). Empurrado pela roda dentada, o carrete roda num movimento horizontal e esse movimento é passado ao veio (um pau vertical que é um eixo onde o carrete roda). Esse veio passa pelo buraco central da mó, engata na segurelha que encaixa na mó de cima e a faz rodar. O eixo continua a descer, atravessando o olho da mó fixa e encaixa no urreiro que, em conjunto com o aliviadouro regulam a aproximação das mós.<sup>121</sup> Para um leigo, este palavreado é grego, mas recomendo que consultem a página de *facebook* Moinho do Boneco e o projeto Moinho do Rio Degebe<sup>122</sup>.